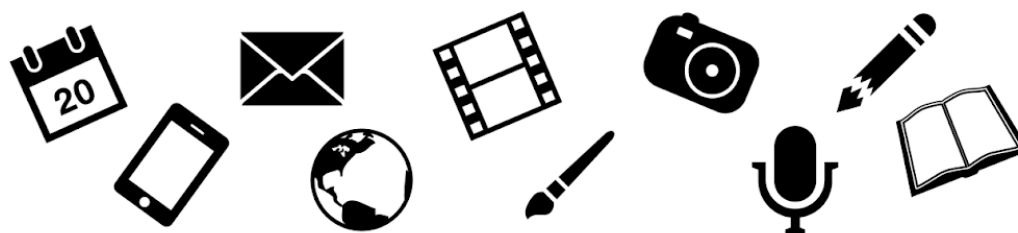




**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

## UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



*Agcom*  
Agência de  
Comunicação  
da UFSC

**04 de abril de 2020**

# DC, AN e Jornal de SC

“NÃO COMETAM O MESMO ERRO QUE A GENTE COMETEU, DE ACHAR QUE ERA SÓ UMA GRIPE”

MARIANA DACORÉGIO, Médica

## “NÃO COMETAM O MESMO ERRO QUE A GENTE COMETEU, DE ACHAR QUE ERA SÓ UMA GRIPE”

*Médica catarinense atua na emergência de um dos principais hospitais na Itália, em Brescia, epicentro da pandemia no país europeu*

EVERTON SIEMANN

everton.siemann@somosnsc.com.br

A menina que brincava de plantão médico com as bonecas cresceu. Aos 32 anos, a catarinense Mariana Dacorégio é médica de emergência no Hospital Civil de Brescia, uma das cidades da região da Lombardia, na Itália, que foi o epicentro da pandemia do coronavírus no país europeu. Por lá, luta para salvar vidas e vencer a Covid-19.

Natural de Florianópolis, Mariana é filha única de um casal em que o pai é médico do Hospital Celso Ramos e a mãe enfermeira do Hospital Universitário da UFSC. A relação com o ambiente hospitalar e a saúde das outras pessoas iniciou cedo.

– Comecei a frequentar hospital muito cedo. Um ambiente onde me sentia muito segura, porque era um ambiente familiar. Cresci dentro do hospital. Cheguei em um ponto em que o único ambiente em que me sentia bem era no hospital – conta.

Enquanto ainda cursava a faculdade de Medicina na UFSC, Mariana e o namorado, hoje marido, ficaram um ano na Bélgica, onde ela fez estágio em um hospital e ele fez doutorado, em engenharia. O casal gostou da experiência e decidiu voltar a morar na Europa no futuro. Ela se formou. Fez residência no Hospital Celso Ramos, em Florianópolis, e em 2016 mudou-se com o marido para o Velho Mundo. No ano passado, a documentação para atuar na Itália foi concluída e Mariana passou a trabalhar na unidade hospitalar, que é referência no Norte do país, com mais de 2 mil leitos.

Antes da pandemia, a rotina era tranquila para o casal, que tem um bebê de um ano e três meses. Mariana iniciava a jornada de trabalho pela manhã e saía do hospital por volta das 19h. O plantão era apenas um final de semana por mês. Assim, o casal curtia bastante tempo junto. O pequeno Luca



**Os dias mais difíceis não são os dias mais pesados como carga de trabalho. São os dias em que a gente dá notícias ruins para os pacientes, e dá notícias ruins para as famílias.**

passava o dia na escolinha. No fim da tarde,

o marido buscava o garoto, até que Mariana encerrava a jornada de trabalho.

Desde que o coronavírus chegou à Itália, o cenário mudou completamente. Com a escolinha do bebê fechada, por conta do isolamento social, o marido passou a fazer home office e cuida do filho. Mariana sabe a hora que entra na emergência do hospital, mas não tem hora para retornar para casa. Os plantões passaram a ocupar a agenda em todos os finais de semana.

Na entrevista a seguir, feita por telefone, Mariana fala sobre como foi o primeiro contato com a Covid-19, os desafios no enfrentamento da doença, como lida com tantas mortes, sobre o reconhecimento das pessoas e a esperança de viver em um mundo melhor, quando o vírus for superado e a pandemia ficar para trás.

A médica aproveitou a oportunidade e mandou um recado aos catarinenses:

– A gente está perdendo uma quantidade tão grande de vidas, que a gente só quer gritar para o mundo inteiro que as pessoas nos escutem. Que elas não cometam o mesmo erro que a gente cometeu, de achar que era só uma gripe.

Confira mais na entrevista a seguir:

**Como foi o primeiro contato com o coronavírus? Em qual circunstância você atendeu o primeiro paciente com a Covid-19? Do que você se lembra?**

Lembro até do nome do paciente. A gente tem um departamento que chamamos de escala, porque é uma escala. Tem um corredor comprido, em que dos dois lados tem quartos dos pacientes. A gente tem no começo desse corredor dois quartos individuais, e depois os quartos são de dois ou três pacientes. E nesses dois primeiros leitos a gente coloca os pacientes isolados. Às vezes, um paciente que está com cirurgia e a gente quer deixar perto da família, ou um paciente com doença infectocontagiosa

que a gente quer isolar. A gente já sabia que tava rolando... No hospital, tem um prédio com 70 leitos que é só para pacientes com doença infectocontagiosa. Então, estava chegando paciente e indo direto para esses leitos. Daí, tinha um paciente que estava isolado num desses quartos individuais, sozinho. Aí, falaram: “A gente tem uma dúvida, talvez, possa ser um paciente Covid-19”. A minha chefe, naquele dia falou assim: “Vou entrar para ver essa paciente aqui e a gente entra junto e já vê a paciente do lado”. A gente tenta o máximo possível utilizar os nossos EPIs (equipamentos de proteção individual). Se um médico já vai usar aqueles EPIs, não tem muito senso outro médico entrar fazer a mesma coisa para ver outro paciente. Então, a gente entrou, o paciente estava relativamente bem. A gente caminhou. E naquele ponto a gente ainda não tinha o resultado do exame. Era uma suspeita. Naquele dia (na semana anterior ao Carnaval), isso era de manhã, umas 15h, veio o resultado. Ela (minha chefe) veio toda preocupada: “Mariana, Mariana, o resultado daquele paciente deu positivo”. Toda preocupada. O diretor de enfermagem da unidade chamou nós duas para uma conversa, deu uma folha da medicina preventiva do hospital, uma série de procedimentos a serem seguidos, porque tínhamos sido expostas. Esse foi meu primeiro contato. >> SEGUE >>



Acesse outros conteúdos em [nscototal.com.br](http://nscototal.com.br)



**O triste não é perder 11 mil pacientes, como a gente vê nos jornais, o que é mais triste é perder cada um deles. É saber da história. Cada uma dessas histórias que marca a gente. É o amor de alguém.**

**Quando você se deu conta da força do coronavírus?**

Foi muito emblemático, porque até o ponto que a gente uns três pacientes (com Covid-19) na nossa unidade, a gente ligava para a infectologista e ela falava para a gente qual o leito que a gente podia levar o paciente, porque ele ia para um dos 70 leitos que o hospital tinha de isolamento. E nesse dia, ela (a infectologista) falou assim: “Cada um fica com o seu Covid”. E bateu o telefone na cara da gente (risos). Porque naquele dia, naquele momento, tinham mais 120 pacientes positivos de coronavírus no pronto-socorro. Então, ela não estava preocupada com o paciente que estava na minha unidade, que tinha um médico, uma cama, tinha tudo. Aquele paciente para ela estava resolvido. Foi muito emblemático. O recado foi: “Eu que sou infectologista não posso mais cuidar de todo mundo, vocês vão ter que cuidar”.



**Qual foi o dia mais difícil no trabalho desde o início da pandemia?**

Os dias mais difíceis não são os dias mais pesados como carga de trabalho. São os dias em que a gente dá notícias ruins para os pacientes, e dá notícias ruins para as famílias. No último domingo (dia 29 de março) aconteceu uma coisa bem pesada. Eu estava trabalhando e na passagem do plantão tinham me informado que tinha uma paciente que estava muito agitada porque o marido dela estava internado em outro hospital, também com a doença (Covid-19), que os filhos tinham ligado e tinham dito que estava muito grave. Fui lá no quarto, não tive dúvida, pedi o nome dele, liguei para o outro hospital e comeci a procurar. Liguei em todos os departamentos e não achei. Então, liguei na direção e me confirmaram que ele estava morto há uma semana. É muito forte porque essas famílias não têm o direito de se despedir, porque esses pacientes são levados em caixão fechado, são incinerados, as famílias não fazem velório. Não ter nem a chance de se despedir, de ver uma pessoa, é uma coisa que para mim foi muito forte. Eu perguntei à ela quantos anos eles estavam casados. Ela falou: “Sou casada há 45 anos, mas ainda não foi o suficiente”.



**É muito forte porque essas famílias não têm o direito de se despedir.**



**É o amor de alguém.**

**Como você lida com tantas mortes?**

O triste não é perder 11 mil pacientes, como a gente vê nos jornais, o que é mais triste é perder cada um deles. É saber da história, é saber o nome do filho, é saber do neto que nasce na semana que vem, é saber do marido que estava esperando, do aniversário de casamento no mês seguinte, cada uma dessas histórias que marca a gente. Não é o número de mortos no total. São histórias, são seres humanos. É o pai de alguém, é o irmão de alguém. A gente fala no hospital que ele é o amor de alguém.

**Há registro de médicos, enfermeiros e outros profissionais da saúde infectados e até, infelizmente, de alguns que perderam a vida. Algum dos seus colegas morreu vítima do coronavírus?**

No hospital onde trabalho, mais ou menos 25% de todo o staff de médicos, enfermeiros e trabalhadores em geral, estão doentes. Desse total, apenas um senhor faleceu. Um senhor que trabalhava como assistente. Tenho muitos colegas

médicos doentes, mas graças a Deus, todos eles tiveram quadros leves. Na Itália, tem 70 casos de médicos (até a terça-feira, dia 31 de março) que faleceram por causa da doença.

**Como você se sentiu quando soube da morte do colega no hospital?**

É sempre muito triste perder alguém da equipe. Não era uma pessoa com quem eu trabalhava diretamente, não o conhecia, mas é claro que a gente fica muito chateada. No hospital a gente costuma falar que a gente tem medo de não sentir medo. Porque não tenho medo de ficar doente, não tenho medo de morrer por causa da doença. Tenho uma segurança tão grande de que preciso fazer o meu trabalho, que não tenho esse medo.

**O mundo está olhando para vocês, profissionais da saúde, como heróis. Como você se sente com isso?**

Não me sinto nada como uma heroína, esse é o meu trabalho. Fui treinada para isso. Tenho o prazer e a honra de trabalhar



**1** Mariana e o filho Luca, de um ano e três meses

**2** Porta que separa a área de isolamento onde estão os pacientes com Covid-19 no hospital em que ela trabalha, na Itália

**3** Mariana e parte dos colegas que atuam com ela no Hospital Civil de Brescia

**“Não tenho medo de ficar doente, não tenho medo de morrer por causa da doença. Tenho uma segurança tão grande de que eu preciso fazer o meu trabalho, que eu não tenho esse medo.”**

numa situação dessa. Eu me sinto privilegiada de ajudar numa situação como essa. Uma coisa que é muito linda é como a gente é tratado aqui. Em todos os momentos, em todos os lugares têm faixas enormes escrito “Vai ficar tudo bem” em volta do hospital. A gente recebe biscoito, bolo, torta, tudo escrito “Vai ficar tudo bem”, “Muito obrigado”, “Vocês são incríveis”. Todo momento que a gente liga para as famílias, que a gente fala ao telefone eles são muito atenciosos, agradecem muito. É um reconhecimento diferente do que a gente tinha antes.

**Você viu que em diversos lugares do mundo as pessoas têm rendido homenagem a vocês, profissionais da saúde. Como você encara isso?**

É incrível. Sempre tive um forte vínculo

lo com os pacientes, sempre brinco com os meus pacientes que sempre tive os melhores. Os meus pacientes sempre foram pessoas muito gratas, que me deram muita satisfação de cuidá-los. Sempre fui muito grata por poder aprender com eles. Nesse momento ver que as pessoas respeitam a gente, respeitam aquilo que a gente diz para elas, quando a gente diz “Olha, não é para sair de casa”, eles ouvem a gente, eles não estão ouvindo o primeiro-ministro, o governador, eles ouvem a gente dizer. A gente vai para o Facebook e para o Instagram mostrar o rosto machucado, e dizer: “A gente está trabalhando para você ficar em casa”. E as pessoas ouvirem esse recado, é uma satisfação muito grande.

**Você acha que quando a pandemia passar sairemos disso tudo mais humanos, mais solidários?**

É minha a minha grande esperança. Minha grande esperança é que essa doença ensine as pessoas a pensarem no outro. A valorizarem profissionais que foram muito esquecidos. Não só os médicos, não só quem trabalha em hospital. Nessa crise toda aumentou muito a valorização do trabalho dos caminhoneiros, que entregam a nossa comida. Do pessoal que trabalha em supermercado. De quem recolhe o nosso lixo. São profissionais que sempre trabalharam nas sombras e que agora as pessoas conseguem ver tam-

bém como grandes heróis, conseguem fazer os bastidores para que a gente continue em casa.

**Vi que você e o marido têm um blog para, como vocês mesmo descrevem “família e amigos acompanharem nossas aventuras pela terra da polenta brustolada”. A última postagem foi em abril do ano passado, falando sobre o nascimento do Luca. Como você tem lidado com a maternidade, a pandemia e o isolamento social?**

E falta de rede de apoio, porque somos só nós três (risos). É caos total, irrestrito. Meu marido é engenheiro. Estou aqui no quarto do meu filho, apoiada na bancada de trabalho dele (marido), que tem todos os fios, coisinhas, luzinhas e aparelhos do mundo. Então, é a sensação de estar trabalhando 24 horas por dia. Porque quando chego em casa, preciso ficar com o Luca, para o meu marido poder trabalhar. Quando não estou em casa, ele (o marido) fica 100% com o bebê. A gente se vira para fazer o que dá. A gente vê que tem muita gente reclamando que “está em casa, não tem mais nada para fazer, estou entendido”, e a gente aqui no “Se vira nos 30” fabuloso, que a gente nunca passou por isso na vida. Os dias não acabam mais, a gente tem sempre muita coisa para fazer. Está sendo superstressante. Mas uma coisa

**“Em todos os lugares têm faixas enormes escrito “Vai ficar tudo bem” em volta do hospital. A gente recebe biscoito, bolo, torta, tudo escrito “Vai ficar tudo bem”, “Muito obrigado”, “Vocês são incríveis”. É um reconhecimento que é diferente do que a gente tinha antes.”**

que me perguntam muito é se estou fazendo quarentena do meu filho, se eu não beijo, não abraço... Não tem como. Uma das coisas que faz a gente continuar e seguir em frente é ter a família e ter o apoio de quem a gente ama.

**E depois de um dia agitado assim, como é botar a cabeça no travesseiro para dormir?**

Não sei se tenho o grande privilégio ou azar de que o meu filho mama ainda, então, ainda passo a noite inteira sem pensar no que aconteceu. Dou de mamar, acalmo, faço carinho, tenho pouco tempo para processar o que aconteceu ao longo do dia. As vezes, é uma dádiva. Porque quando a gente fica remoendo tudo aquilo que passou no dia, às vezes é um problema.

**Por aqui, no Brasil e também em Santa Catarina, há muita gente que ainda minimize a Covid-19. Diante do que você vê diariamente aí na Itália, qual recado você deixa para quem pensa assim?**

Estou enfrentando uma doença como a gente nunca viu, passando por coisas que eu nunca vivi, que os meus colegas e os meus professores, que trabalham ali (no hospital) há 20, 30 anos nunca viram. A gente está passando por uma guerra. A gente está perdendo uma quantidade tão grande de vidas, que a gente só quer gritar para o mundo inteiro que as pessoas nos escutem. Que elas não cometam o mesmo erro que a gente cometeu, de achar que era só uma gripe. Porque a gente também já achou que era só uma gripe. E quando chegou a gente não estava preparado. Então, por favor, façam o que vocês puderem para que essa mensagem seja levada adiante. Se as pessoas não podem parar de trabalhar, não tem problema. Que elas trabalhem. Mas elas podem parar de ir à praia, de fazer o churrasco, de ir na casa do vizinho para conversar, de ir no mercado comprar uma cervejinha porque deu vontade. Todas essas coisas são medidas tão pequenas, tão insignificantes para cada um, mas que no sentido global da epidemia faz uma diferença absurda.

## **De SC para o Brasil**

Dagmara Spautz

### DE SC PARA O BRASIL

O Sistema Integrado de Telemedicina e Telessaúde (STT), desenvolvido pela UFSC, foi oferecido ao Ministério da Saúde para acelerar o diagnóstico dos pacientes com Covid-19, a doença causada pelo novo coronavírus. A oferta foi feita pelo senador Dário Berger (MDB), em ofício ao ministro Luiz Henrique Mandetta.

## **Suporte**

Dagmara Spautz

### SUPORTE

O SST foi apresentado ao Ministério da Saúde por iniciativa do professor Aldo von Wangenheim, pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Convergência Digital (INCoD) da UFSC, que colocou à disposição toda a estrutura do programa. O SST reúne protocolos de exames e condutas clínicas para diagnóstico à distância em larga escala, com acompanhamento dos pacientes pelo SUS. Em SC o sistema dá suporte a mais de 80 mil exames por mês, com mais de 650 instituições de saúde conectadas.

# FIQUEM NA ALDEIA

Com medo que o coronavírus chegue às aldeias, cerca de 17 mil índios que vivem em SC decidiram fechar os territórios. Isolamento torna a realidade ainda mais vulnerável com a falta de alimentos

**ÂNGELA BASTOS**

angela.bastos@somosnsc.com.br

A pandemia do coronavírus forçou a contenção de cerca de 17 mil índios em Santa Catarina. Por serem especialmente vulneráveis às doenças respiratórias, os Guarani, Kaingang e Xokleng foram alertados sobre a importância de seguir o isolamento social. Realidade mais agravada se levada em conta a informação do Ministério de Saúde, a qual coloca gripes e pneumonias como doenças que mais matam os índios brasileiros. Um alerta chegou via podcast às aldeias e coube aos mais jovens repassar a informação para as lideranças:

– O vírus passa muito rápido de uma pessoa para outra. Além disso, a pessoa que

pega o coronavírus nem sempre tem sinal de gripe, por isso, é importante que vocês não saiam da aldeia – alertou o médico e pesquisador Andrey Moreira Cardoso, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz e do Grupo de Trabalho em Saúde Indígena da Associação Brasileira de Saúde Coletiva.

Como medida de proteção as lideranças decidiram fechar as aldeias. Isso significa que os índios podem andar por dentro do território e fazer atividades, mas não podem receber visitas. A realidade em que vivem torna este período mais desafiador.

A professora Evelyn Marina Schuler Zea,

do Departamento de Antropologia da UFSC, cita três situações que tornam os índios do Sul do Brasil especialmente vulneráveis:

– A localização das aldeias e acampamentos próximos das áreas urbanas, a forma de convívio social das famílias constituídas por muitas crianças e idosos na mesma moradia e o fato da comercialização do artesanato ser um dos meios de sobrevivência das famílias – aponta Evelyn.

O que a professora cita já é vivenciado. A restrição de acesso às cidades provoca a falta de alimentos. Além disso, muitas famílias são usuárias do Bolsa Família e precisam se deslocar até bancos e lotéricas. Sem transporte público a situação complica. Neste caso dependem de carona, mas como se as aldeias estão fechadas?

Ainda que consigam ir até o centro da cidade o retorno à aldeia é sempre temerário. Ocorre que métodos usados em áreas urbanas como higienizar as mãos e usar álcool em gel são impraticáveis na maioria das reservas. Os riscos são maiores se levado em conta o modo de vida dos povos indígenas, que se faz pelo compartilhamento de utensílios. Além disso, as habitações costumam ter muitas pessoas, o que pode ampliar o contágio do novo vírus.

– A gente está muito preocupada com o coronavírus. Além disso, a chegada do frio faz com que nossas crianças e idosos tenham outras doenças e vamos ter que buscar so-

## CONTRAPONTO

### O que diz o governo?

Um decreto de 17 março da Fundação Nacional do Índio (Funai) suspendeu, por 30 dias, as autorizações de entrada em terras indígenas devido à pandemia do novo coronavírus. De acordo com a Funai, cabe aos agentes de saúde indígena zelar das aldeias pelo cumprimento.

No site do Ministério da Saúde existe uma página criada com o objetivo de apresentar dados atualizados atendidos pelo Subsistema de Atenção à Saúde Indígena. As informações são obtidas junto a cada um dos 34 Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI) e, após validados pelo Departamento de Atenção à Saúde Indígena (DASI), disponibilizadas.

Até a manhã da última quarta-feira, dia 1º, o DSEI Interior Sul, com sede em São José, na Grande Florianópolis,

apontava cinco casos suspeitos, zero confirmados, um descartado e nenhum óbito entre os índios de Santa Catarina.

corro – diz Elisete Antunes, cacique na terra indígena Morro dos Cavalos, em Palhoça, na Grande Florianópolis.

A cacique lembra que neste período que antecede a Páscoa é quando as famílias costumam sair para vender artesanato e macela, planta muito usada para fazer chás. Elisete tem um raciocínio objetivo: sem vendas não há renda, sem dinheiro não há comida e com isso a segurança alimentar fica comprometida.

## “Nenhum governante citou preocupação com os indígenas”

Para a liderança Eunice Antunes, a guarani Kerexu Yxapyry, o coronavírus serve para demonstrar a indiferença com que os governantes tratam os índios.

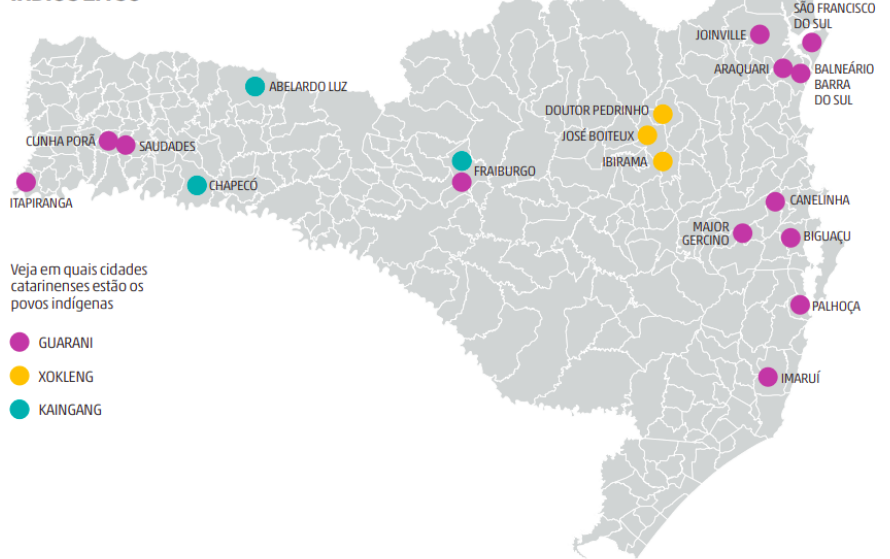
– Desde que se começou a se falar na pandemia no Brasil, nenhum governante citou a preocupação com os povos indígenas. Estou preocupada, pois se alguém na aldeia pegar, todos nesse coletivo irão contaminar-se – afirma a líder indígena.

Para o guarani Augustinho Wera Tukumbu, da aldeia Águas Cristalinas, em Biguaçu, na Grande Florianópolis, o coronavírus é um grande perigo para todos, índios e não índios. Mas que pode ajudar a todos os povos e nações. Ao ser questionado como, ele responde:

– Tem que olhar para a natureza, tem que não maltratar a água e a mata. Se não, a natureza se revolta e vem o vírus.

A kaingang Joziléia Daniza Jagso, antropóloga pela UFSC e moradora em Chapecó, no Oeste do Estado, também respeita a quarentena imposta pelo governo do Estado. Ela diz que o isolamento social faz todo sentido para os povos indígenas, mas também reclama da ausência dos agentes

### ÍNDIOS EM SC



públicos em um momento tão crucial.

– Sabemos que precisamos respeitar a decisão e que historicamente parte dos nossos povos foi devastada por epidemias. Mas se não tivermos apoio do governo e da sociedade catarinense não sabemos o que irá acontecer.

Para tentar minimizar o impacto das medidas sociais e econômicas, indígenas e lideranças das aldeias do Sul do país fizeram um encontro pela internet. Foi montada a Frente Indígena e Indigenista de Prevenção e Combate ao Covid-19, com reforço das regras de prevenção, e alternativa para garantir a segurança alimentar nas aldeias. Cada uma estruturou a equipe e forma de atuação. Ficou acertado que polos da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) e da Fundação Nacional do Índio (Funai) estão aptos a receber cestas básicas e produtos de higiene. Caberá ao pessoal destes órgãos fazer a higienização para evitar contágio e a distribuição do material.

### LOCAIS DE ARRECADAÇÃO

#### SESAI

- São José: Rua Capitão Pedro Leite, 530, Barreiros
- Chapecó: Rua Curitiba, 465 D, Santa Maria
- Ipuçu: Rua Pagnocelli, 358, Centro

#### FUNAI

- São José: Rua Joaquim Vaz, 1322, Campinas
- Chapecó: Rua Mal. Mascarenhas de Moraes, Parque das Palmeiras
- José Boiteux: Rua 1º de Maio, 51



Registro de um dos índios da aldeia Guarani no morro dos Cavalos, em Palhoça, na Grande Florianópolis

# SOMOS TODOS SUSCETÍVEIS

Especialistas reforçam a necessidade do isolamento social para frear a proliferação do vírus e evitar mais mortes, destacando que todos corremos risco sem as devidas medidas de prevenção

ÂNGELA BASTOS

angela.bastos@somosnsc.com.br

Lá se vão 40 dias desde que, em 26 de fevereiro, surgiu o primeiro registro de caso do novo coronavírus no Brasil. Em meio à pandemia da Covid-19, apareceu a necessidade de isolamento social para conter o avanço do vírus. Sem vacina ou remédio para tratar a doença, se manter em casa é a melhor medida, de acordo com os especialistas da Organização Mundial de Saúde (OMS).

A orientação vale principalmente para pessoas com mais de 60 anos e consideradas no grupo de risco, como cardíacos, hipertensos, diabéticos, com insuficiência renal ou respiratória, transplantados e ou em tratamento contra lúpus e câncer. O médico infectologista e professor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP), Benedito Antônio Lopes da Fonseca, concorda. Para ele, ainda que a letalidade seja baixa, “o vírus não é desprezível”.

de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP), Benedito Antônio Lopes da Fonseca, concorda. Para ele, ainda que a letalidade seja baixa, “o vírus não é desprezível”.

– O que a gente pode fazer é minimizar a transmissão do vírus. Isso se faz evitando o contato da pessoa infectada com outras que são suscetíveis. E nesse momento todo mundo é suscetível porque nunca foi infectado por esse vírus – alerta.

O isolamento social tem como medida básica levar ao que os especialistas chamam achatamento da curva. Se isso for alcançado, a doença pode rondar por mais tempo. Mas pacientes graves que precisarem de um leito de UTI, por exemplo, terão mais chances de conseguir uma vaga.

– É melhor que fique por mais tempo e com menos intensidade do que tenha um crescimento agudo e o sistema de saúde não consiga anteder as pessoas – diz o infectologista pediatra e coordenador do curso de Medicina da UFSC, Aroldo Prohmann de Carvalho.



O que a gente pode fazer é minimizar a transmissão. Isso se faz evitando o contato da pessoa infectada com outras que são suscetíveis. E nesse momento todo mundo é suscetível.

**BENEDITO DA FONSECA**, médico



Funcionário usa equipamento de proteção e mostra cotonete para coleta de amostras bucais em testes de casos suspeitos na Itália

## MITOS E FAKE NEWS SOBRE O CORONAVÍRUS

Remédios e medidas de prevenção falsas verificadas pela AFP

### DESMISTIFICAR: O QUE NÃO É EFICAZ

PARA PREVENIR, TRATAR, DIAGNOSTICAR OU CURAR O COVID-19:

Comer alho, cebola e gengibre fervidos



Ar quente, seja em saunas, secadores de cabelo ou do deserto



Expor as máscaras ao vapor para reutilização



Inalar vapor d'água ou de eucalipto



Gargarejo com água quente salgada ou vinagre



Prender a respiração por mais de 10 segundos para detectar uma infecção



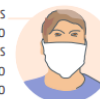
Beber suco de abóbora amarga



Beber álcool, fumar



Máscaras feitas em casa são pouco eficazes para evitar o contágio



### COMO DESINFETANTE...



Lâmparas fluorescentes



Aplicação direta de cloro no corpo



O sabão vermelho não é mais útil do que um sabão comum

FONTES: AFP FACT-CHECKING, OMS

© AFP



## Exemplos de outros países a serem seguidos

Há ainda outro enorme desafio para o Brasil. Enquanto a OMS orienta a testagem em massa como forma de contenção da doença – proposta colocada em prática na Coreia do Sul e China – o país não possui testes em larga escala. Por enquanto são testados apenas os casos graves da doença. Com testes em massa seria possível isolar os infectados e todos que tiveram contato.

Muitos brasileiros resistem ao confinamento. Mas a experiência de países como Hong Kong e Taiwan mostra que o distanciamento social ajuda a reduzir o contágio. A iniciativa foi adotada inicialmente em cidades da Itália, como Milão, mas afrouxada em seguida. Depois de milhares de casos e de mortes, o prefeito da cidade italiana reconheceu o erro.

O Imperial College de Londres coordenou um estudo assinado por mais de 50 cientistas renomados. O trabalho mostra que se as medidas adequadas forem tomadas, o mundo poderia evitar cerca de 40 milhões de mortes. O estudo fala especificamente do Brasil, afirmando que se medidas como o aumento de testes e isolamento social forem tomadas o país pode evitar cerca de um milhão de mortes.



E melhor que tique por mais tempo e com menos intensidade do que tenha um crescimento agudo e o sistema de saúde não consiga anteder as pessoas.

**AROLD PROHMANN DE CARVALHO,** médico infectologista pediatra

## “Não podemos relaxar”, diz médico

Para Luciano Goldani, professor de Infectologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ficar em casa é a única arma para diminuirmos o número de infectados pela Covid-19. O distanciamento social é a ferramenta não farmacológica mais eficaz para conter a disseminação do novo vírus.

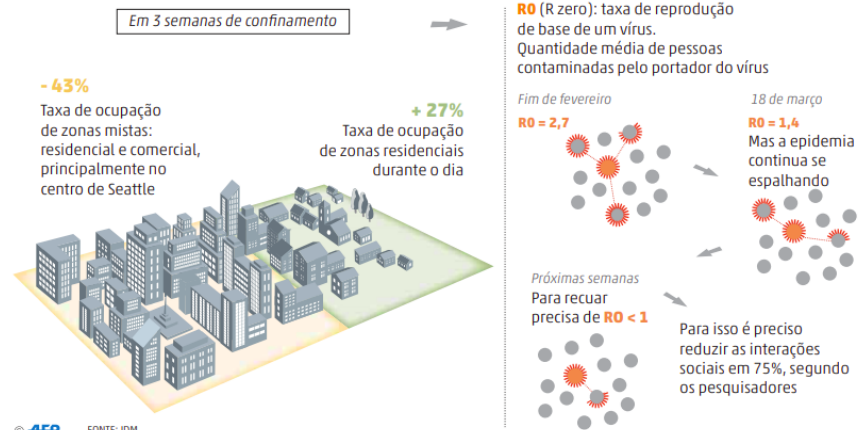
– Apesar do impacto econômico que sofremos em decorrência da medida, sair exceto para atividades essenciais, é a única arma para diminuirmos o número de pessoas infectadas e de óbitos pela Covid-19.

Para Goldani, conforme a evolução da pandemia novas medidas com maior ou menor restrição serão determinadas pelos gestores públicos.

– Não podemos é relaxar, temos que ser firmes.

## CONFINAMENTO E PROPAGAÇÃO DO CORONAVÍRUS

Estudo realizado na região de Seattle, um dos principais focos de COVID-19 nos Estados Unidos



## Um breve adeus

Um velhinho de corpo frágil, cabelos brancos e sorriso sapeca que ficava igual criança enquanto se lambuzava com um sorvete. Esta é a imagem que Reinaldo Klueger, 66 anos, guarda do pai. Harry Klueger, 86 anos, que morreu no dia 25

grande e teria mais de 100 pessoas presentes – comenta Reinaldo.

O último adeus ocorreu em Blumenau, no cemitério. Os poucos presentes deram-se as mãos em torno do caixão e rezaram um Pai Nosso.

de março, uma quarta-feira, no Hospital Regional de São José, na Grande Florianópolis. A vida simples do pai de três filhos, pedreiro, marceneiro, pequeno comerciante e taxista nas ruas de Blumenau ganhou caráter oficial no momento derradeiro.

Coube ao governador Carlos Moisés (PSL) informar por rede social, às 23h59min, aquela que seria a primeira morte causada pela pandemia do coronavírus em Santa Catarina. Depois desse anúncio outros números chegariam. Por trás da frieza matemática, sempre há uma história.

À do velhinho que amava sorvetes é contada pelo filho Reinaldo. Por telefone, uma semana depois do falecimento e junto com a esposa em isolamento social ele tece um lamento: o de não ter sido possível um ritual de despedida como o pai merecia. Seguindo orientação das autoridades para evitar aglomeração, a família não fez velório. Este tem sido um lado dramático do coronavírus: a impossibilidade de as famílias despedirem-se dos entes queridos.

### MENOS DE 72 HORAS

Parentes e amigos de Harry foram avisados sobre o horário do enterro, mas que não haveria ritual.

– Se alguém quisesse seguindo sua fé mesmo de longe poderia fazer uma oração. Nosso pai era muito conhecido, a família é

– Ficamos apenas cinco minutos ao lado da sepultura. Foi muito breve.

Harry deixou os filhos Reinaldo, Ruth e Renato, além de sete netos e nove bisnetos. Os filhos sabem que são do grupo de risco. Por isso, permanecem em casa.

– A gente achou melhor se proteger e proteger os outros. Estamos recebendo ajuda dos familiares e dos vizinhos do condomínio para compra de medicamentos e o que for preciso – diz Reinaldo.

Com o passar dos dias a tristeza vai se assentando. Apesar da rapidez com que tudo aconteceu, lembra o filho. Entre a hospitalização, na segunda-feira, e a morte, na quarta-feira, foram menos de 72 horas. A decisão de colocar Harry numa casa de repouso levou em conta a saúde que estava debilitada e a necessidade de cuidados profissionais.

Harry sentiu o baque da perda da esposa Umbelina, em junho de 2018. Vizinhos ajudavam para que não se sentisse muito sozinho. Beatriz, Maria e Néelson Pescador sempre tiravam um momento para conversar com ele. O barbeiro João, outro amigo, ganhou um presente: uma espingarda antiga que há 40 anos tinha sido aposentada por Harry. Foi um dos últimos gestos do vovozinho que na pequena chácara, em Porto Belo, colhia bananas, batata doce, beterraba e aipim para distribuir na vizinhança.

# Por dentro do coronavírus

Fonte: Daniel Santos Mansur, CCB/UFSC

>>INFOGRAFIA | **CORONAVÍRUS**

INFOGRAFIA é a seção onde a equipe de design do NSC Total aborda de maneira visual diferentes temas, semanalmente. Envie sugestões para o e-mail: [design@nscsomosnac.com.br](mailto:design@nscsomosnac.com.br)

## POR DENTRO DO CORONA VIRUS

Os coronavírus são uma grande família viral conhecida desde 1960, que causa infecções respiratórias em seres humanos e em animais. O novo agente SARS-CoV-2 foi descoberto em dezembro de 2019 na China e é o responsável pela doença Covid-19, que pode provocar desde um resfriado até síndromes respiratórias agudas severas. O coronavírus se infiltra, se esconde e se prolifera nas células humanas com muita facilidade. Conheça o vírus e veja como acontece a infecção.

Reportagem: **Ângela Prestes**  
[angela.prestes@somosnac.com.br](mailto:angela.prestes@somosnac.com.br)

Pesquisa e Infografia: **Ben Ami Scopinho**  
[ben.scopinho@somosnac.com.br](mailto:ben.scopinho@somosnac.com.br)

corresponde à bilionésima parte de um metro, ou seja, **0,00000009m**

90 nanômetros

**100.000** é o número de cópias que o coronavírus pode produzir após invadir uma célula humana

**ENVELOPE**  
É a camada externa do coronavírus, constituída de uma **membrana** feita de **lipídios** muito similar às das células humanas, onde algumas das proteínas virais se encontram.

Os lipídios são gorduras. Elas são a razão pela qual o vírus é tão semelhante ao álcool 70% e ao sabão.

**PROTEÍNA MEMBRANA (M)**  
As proteínas 'M' e 'E', juntamente com a proteína 'S', se situam na membrana externa do SARS-CoV2 e colaboram com a infecção das células humanas.

**PROTEÍNA ENVELOPE (E)**  
'M' é a proteína estrutural mais abundante no vírus.

É a proteína 'S' é encontrada em pequenas quantidades.

**PROTEÍNAS 'S'**  
Ela tem formato de cone, similar à coroa solar, o que resultou no nome coronavírus. Uma das quatro principais proteínas estruturais, 'S' é a **chave de entrada** do vírus na célula humana. É ela a responsável pela interação com o receptor ACE2.

**CARGA GENÉTICA**  
Diferente dos humanos, que possuem o genoma (informação hereditária) composto de DNA, esse vírus tem o genoma RNA senso positivo. Isso significa que, uma vez que o vírus está dentro da célula, seu genoma está pronto para produzir as proteínas virais, sem a necessidade de nenhum intermediário.

### INVADIR > POSSUIR > REPRODUZIR

Fonte: Daniel Santos Mansur, Biotec. Vírus: Curso de Formação, Professor de Microbiologia, CCB, UFSC / [www.bcc.ufsc.br](http://www.bcc.ufsc.br)

**LIGAÇÃO COM O RECEPTOR**  
receptor ACE2  
Célula Humana  
O vírus acopla a proteína 'S' nos receptores ACE2 e tem acesso à célula humana.

**LIBERAÇÃO DO MATERIAL GENÉTICO**  
carga genética  
Conectado e camuflado dentro da célula, o vírus passa a injetar o RNA.

**MULTIPLICANDO O RNA INVASOR**  
Sem perceber o que ocorre, a célula humana acha que o RNA é seu, passando a replicá-lo aos milhares.

**OS NOVOS CORONAVÍRUS**  
A partir dos RNAs, começa a produção das proteínas virais, que se agrupam e dão origem a novos coronavírus, número que pode chegar a 100 mil cópias.

**INFESTAÇÃO**  
A célula hospedeira passa a se desintegrar, liberando os novos vírus para invadir e sobrecarregar o sistema imunológico humano.

4 DE ABRIL DE 2020 | 37

# CLIPPING DIGITAL

[Máscaras de proteção feitas pela UniAvan com impressora 3D funcionam pra prevenção ao coronavírus](#)

“(...) o projeto é realizado em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (...)”

[UniAvan desenvolve máscaras em impressora 3D](#)

[UniAvan desenvolve máscaras de proteção contra o Coronavírus utilizando impressora 3D](#)

[“Não cometam o mesmo erro que a gente, de achar que era só uma gripe”, diz médica de SC que atua na Itália](#)

Egressa da UFSC

[Enquanto Univali mantém ensino a distância, UFSC e Udesc seguem sem aulas](#)

[Indígenas que vivem em SC temem avanço do coronavírus no estado](#)

Jornal do Almoço - participação de docente e de egressa da UFSC

[Coletivo propõe que todos os segmentos foquem na pandemia](#)

“Entre as entidades que assinam está a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), (...)”

[Maricultores apostam em delivery para driblar a crise, em Florianópolis](#)

“(...) as sementes são fornecidas pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) (...)”

[Pandemia: Profissionais de saúde relatam o que mudou no trabalho e no cotidiano](#)

Hospital Universitário

[Na região de Florianópolis e no Sul do Estado, produtores agrícolas estão entregando em casa](#)

“A Célula de Consumo Responsável é uma iniciativa da UFSC que promove a venda (...)”

[Pesquisadores catarinenses testam novas espécies para reduzir custos na produção de uvas e vinhos](#)

“Um projeto desenvolvido por profissionais da Epagri e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (...)”

[Aleluia, Sylvio Back!](#)

“(...)acaba de ganhar o título de doutor honoris causa, concedido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),(...)”

[TUTORIAL: Como escolher um celular? Entenda melhor as características do seu smartphone!](#)

Notícia publicada por egresso da UFSC

[Novo Mi Elegant Mouse Metallic Edition da Xiaomi custa apenas US\\$ 14](#)

Notícia publicada por egresso da UFSC

[Serviço de streaming Huawei Video chega no México, Colômbia e Chile](#)

Notícia publicada por egressa da UFSC

[Mi 10 Vs. Mi Note 10: quais as diferenças entre os dois smartphones da Xiaomi?](#)

Notícia publicada por estudante da UFSC